

O cotidiano de irmãs enfermeiras num hospital de caridade em Florianópolis na década de 50

Miriam Süsskind Borenstein
Maria Itayra Coelho de Souza Padilha

Resumo

Trata-se de uma pesquisa sóciohistórica, que tem como objetivo retratar as condições de vida e de trabalho das Irmãs da Congregação da Divina Providência que atuaram no Serviço de Enfermagem do Hospital de Caridade, em Florianópolis/SC, durante a década de 50 do século 20. Mostra a submissão, a abnegação e a religiosidade com que as Irmãs se dedicavam à vida e ao trabalho em detrimento de si, com uma espécie de mortificação do seu eu, mas por outro lado, também reflete o poder silencioso das mesmas, manifesto pelo controle econômico e administrativo do trabalho.

Palavras-chave: Enfermagem - Serviço religioso no hospital - Hospitais filantrópicos

Introdução

Este artigo, que trata sobre as condições de vida e de trabalho das irmãs que atuavam na Enfermagem do Hospital de Caridade em Florianópolis, na década de 50, faz parte de uma pesquisa mais abrangente sobre a história da enfermagem em Santa Catarina. Segue mais especificamente uma linha de pesquisa, que ambas as autoras desenvolveram em suas teses de Doutorado¹, sobre a atuação de religiosas nos hospitais de caridade. Estas autoras, em diferentes lugares do Brasil (Rio de Janeiro e Florianópolis), vêm trabalhando já há algum tempo (desde meados da década de 90), sobre a influência do serviço religioso desenvolvido pelas irmãs de caridade no trabalho da enfermagem.

A vida particular de irmãs religiosas sempre suscitou um enorme interesse por parte das pessoas de um modo geral, e especialmente de crianças e adolescentes, por caracterizar-se como um mistério, em que havia segredos e um profundo silêncio do que efe-

tivamente ocorria no interior dos conventos e das congregações. Não era raro, quando nos tempos de ginásio em escolas religiosas, as crianças e os adolescentes buscarem furtivamente invadir a clausura, no intuito de descobrir o que realmente lá acontecia. Inúmeros são os relatos literários, teatrais, cinematográficos, especialmente como alguns filmes como "La Religieuse", inspirado na escandalosa obra de Diderot (1760), "Agnes de Deus" (1985) ou "Therèse" (1986), que buscaram retratar alguns fragmentos dessa realidade, nem sempre fidedignos. Entretanto muito poucas pesquisas têm sido realizadas a respeito. Um trabalho, que se mostrou particularmente importante, foi desenvolvido por Grossi (1989), em Santa Catarina, no qual a autora realizou um estudo antropológico num convento do estado a fim de retratar como se construía a identidade de freira. Buscou retratar desde a procedência das irmãs que ingressaram nesse convento, a sua construção como freira enquanto cumpria os rituais de iniciação, finalizando com sua carreira religiosa.

Em geral, as irmãs ao iniciarem suas vidas religiosas na década de 50, no Brasil, podiam seguir profissionalmente dois caminhos: como docentes, em escolas de ensino primário, ginásial e médio (hoje escolas de ensino fundamental e médio) da própria Congregação, ou como enfermeiras, auxiliares ou práticas de enfermagem², nos hospitais onde a Congregação prestava trabalho de assistência à doentes internados. É nesse contexto que as irmãs da Congregação da Divina Providência passam atuar desde sua chegada em Florianópolis-SC, em 1897.

Elas foram, a exemplo de outras congregações religiosas provenientes da Europa, as pioneiras no ensino formal em Santa Catarina (Colégio Sagrada Família - Blumenau (1895), Colégio São José - Tubarão (1895) e, em Florianópolis), criaram, em 1898, o Colégio Coração de Jesus. Entretanto passaram também a atuar nos hospitais. Inicialmente no Hospital de Caridade, quando um grupo de cinco irmãs, procedentes de Münster - Alemanha, vieram especialmente para assumir a assistência dos pacientes naquele Hospital (Fuck, 1995). Segundo Grossi (1989, p. 11), "não é por acaso que as congregações religiosas femininas serão tão bem recebidas no Brasil no início deste século. Elas vão preencher um imenso vazio na oferta de serviços sociais de saúde e educação".

No Hospital de Caridade, as irmãs da Divina Providência dedicaram-se inteiramente a vários tipos de atividades. Passaram atuar em quase todos os serviços existentes (enfermagem, farmácia, laboratório, raio X, cozinha, lavanderia, padaria, costura, zeladoria, entre outros). As informações documentais (relatórios, livros de atas, livros de autores catarinenses³) tratam exclusivamente do trabalho exercido pelas irmãs, porém são escassos no que se trata da vida particular das mesmas. Consideramos importante saber como viviam, o que pensavam, o que sentiam, pois acreditamos que, ao percebermos mais claramente em que condições trabalhavam, poderíamos compreender melhor seus modos de agir em cada situação. Acharmos importante também preenchermos uma lacuna na historiografia e principalmente desvelarmos a vida de

pessoas que tiveram um importante papel na assistência de enfermagem dos doentes internados e no cenário histórico e político do estado de Santa Catarina. Neste trabalho temos, como objetivo principal retratar as condições de vida e de trabalho das irmãs que atuavam na enfermagem do Hospital de Caridade de Florianópolis, durante a década de 50.

O método

Antes de apresentar os resultados propriamente ditos, faz-se necessário descrever como foram coletados os dados, que fontes foram utilizadas, de que forma foram trabalhadas essas fontes, enfim, descrever a metodologia empregada.

A coleta dos dados

A coleta de dados deu-se a partir dos depoimentos colhidos, através de entrevistas, com nove religiosas (duas irmãs superiores, três enfermeiras, duas auxiliares e duas práticas de enfermagem) - da Congregação das Irmãs da Divina Providência, que fizeram parte diretamente do cenário do Hospital de Caridade, nos anos relativos ao estudo. As primeiras entrevistas foram realizadas com as três primeiras irmãs enfermeiras que atuaram no Hospital na década do estudo (1953, 1956 e 1957 respectivamente), por entender que elas deveriam ser o ponto de origem da pesquisa, ou seja, o ponto zero. Elas, em nosso entender, deveriam direcionar as demais personagens a serem entrevistadas, criando-se uma rede de relações. Essa rede tinha como propósito servir para abordar o objetivo do estudo, segundo as sugestões da própria comunidade e não segundo a vontade das pesquisadoras. Para Thompson (1992, p. 254), "a melhor maneira de dar início ao trabalho pode ser mediante entrevistas exploratórias, mapeando o campo e colhendo idéias e informações".

As entrevistas foram realizadas no período compreendido de outubro de 1997 a agosto de 1998. O alongamento do período de realização das entrevistas resultou do fato de se realizar simultaneamente a cole-

ta de dados em outros tipos de documentos, e também porque, quando da realização de uma entrevista, muitas vezes a entrevistada sugeria o nome de outra, o que veio enriquecer ainda mais o estudo, e conseqüentemente aumentando consideravelmente o período destinado à coleta de dados.

De modo geral, as solicitações para a realização das entrevistas, foram feitas através de um contato telefônico, quando a entrevistada era informada sobre o objetivo do estudo e da importância de sua participação. Todas as entrevistadas se colocaram imediatamente à disposição para participarem.

As entrevistas foram realizadas em locais variados, em geral de acordo com a disponibilidade das entrevistadas. Algumas ocorreram em suas próprias residências; uma, em um centro de pesquisa; outra, em uma sala de reuniões de um hospital; e houve até alguém que, por morar distante da cidade de Florianópolis, se deslocou para a casa de um familiar na capital para conceder a entrevista. E finalmente, para uma das pesquisadas, tivemos de realizar uma viagem para a cidade de Joinville-SC, onde morava, para entrevistá-la.

No dia da entrevista, elas eram informadas sobre o objetivo do estudo e da importância de sua participação, bem como as estratégias utilizadas. Todas concordaram no uso do gravador, e deram seu consentimento verbal e por escrito. As entrevistas duraram em torno de duas a três horas, e para realizá-las organizamos um roteiro de entrevistas semi-estruturado. Segundo Trivinos (1990, p. 146), este tipo de instrumento "parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e em seguida, oferecem um amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo a medida que se recebem as respostas do informante. Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e suas experiências dentro do foco principal colocado pelo pesquisador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa".

Por considerar que o estudo necessitava de um maior aprofundamento teórico e prático para

contextualizar o Hospital e a estrutura sócioeconômico-cultural da Ilha de Santa Catarina, foram utilizadas outras fontes primárias como: os prontuários e relatórios do Hospital e da Congregação, teses, notícias de jornais, crônicas referentes às áreas de saúde, economia, política da cidade de Florianópolis e do Estado de Santa Catarina, encontrados nos seguintes locais: Arquivo Público do estado de Santa Catarina; Arquivos do Hospital de Caridade; Museu Público de Santa Catarina; Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; Biblioteca do Estado de Santa Catarina; Biblioteca da Universidade Federal de Santa Catarina.

A análise dos dados

É importante ressaltar que o processo de análise é bastante complexo e não linear. A primeira etapa do trabalho a ser iniciado, segundo Biasoli-Alves (1995, p. 47), se dá "através da transcrição e revisão de tudo o que foi gravado, durante cada uma das entrevistas, resguardando o linguajar próprio de cada informante, suas pausas e até entonações, para então, posteriormente, considerar que os dados estejam prontos para serem analisados".

Num segundo momento, o pesquisador faz a leitura e a releitura das transcrições, incluindo as falas dos informantes que expressam o que o pesquisador pretende elucidar. Essa etapa constitui o início de um trabalho de codificar os dados. Codificar é o mesmo que reunir em código (Ferreira, 1986, p. 425), rotular as notas. Este processo só ocorreu após várias leituras dos dados de cada entrevista, nas quais as informações foram examinadas, linha por linha, palavra por palavra, frase por frase, até que os conceitos ou os significados nelas contidos fossem identificados, com o auxílio do referencial teórico escolhido, o que permitiu o estabelecimento de uma reorganização dos dados de modo a categorizá-los a partir do referencial foucaultiano.

Por isso, ao analisar os dados obtidos neste trabalho, procuramos relacioná-los com a literatura pertinente ao tema. Segundo Biasoli-Alves (1995, p. 47), a literatura oferece diretrizes para a interpretação do

que o pesquisador vai gradativamente construindo com uma forma de agrupamento das falas dos entrevistados. Trata-se de um processo de movimento constante, que se traduz em um ir e vir das falas transcritas para a discussão com os pares, para a literatura, para dados de outras pesquisas. Gradativamente, permite a composição, através da redação, de um quadro descritivo, que visa representar a percepção que o entrevistado traz do passado, e que o pesquisador apreende e reconstrói, a partir de sua abordagem conceitual.

Neste estudo, a análise e a interpretação dos dados, após as entrevistas realizadas, assim como a consulta aos inúmeros documentos que foram utilizados, possibilitou a construção das seguintes categorias: a) o ingresso na Congregação; b) a clausura, c) o trabalho; d) as refeições; e) as roupas; f) as rezas; g) os passeios; h) as férias; i) os presentes; j) as perspectivas.

Os resultados

O ingresso na Congregação

Nas décadas de 40 e 50 no Brasil, especialmente no sul do país, o ingresso na vida religiosa, na maioria das vezes estava condicionado à forte influência religiosa familiar. Eram moças provenientes de famílias de colonos descendentes de europeus, em geral alemães e italianos, que tinham a religião como um aspecto significativo de suas vidas. Não era incomum nas comunidades agrícolas do interior haver um padre, que influenciasse as famílias no sentido de encontrar entre a numerosa prole, um dos seus membros que tivesse uma vocação religiosa para se dedicar a Deus.

Segundo Grossi (1989, p. 30), a presença da igreja nas áreas rurais de Santa Catarina era bastante significativa. O trabalho catequético de padres e freiras nessas comunidades era intenso: aos sábados à tarde era comum reunirem-se, na Igreja, grupos de primeira comunhão, crisma e grupos vocacionais que reuniam adolescentes. Esses grupos eram regularmente visitados por padres e freiras da região, que aproveita-

vam para recrutar novas vocações. Grande parte de padres e freiras vieram dessas famílias. Por isso era comum que moças e rapazes de famílias religiosas ingressassem nas diferentes Ordens religiosas e se ordenassem como padres e irmãs religiosas.

Havia aquelas moças que diziam ter recebido um "chamado de Deus" e que, por esse motivo, deveriam largar tudo: sua família, seus estudos e trabalho, e "dedicar-se inteiramente ao Senhor". E, finalmente, havia àquelas descendentes de famílias numerosas que, não vendo perspectivas de vida no campo, e possuindo uma pequena propriedade rural, ou seja, um estreito pedaço de terra para cultivar, buscavam o convento como uma forma de se educar, garantir seus estudos e adquirir melhores perspectivas futuras.

Essas eram algumas das inúmeras formas de ingressar na vida religiosa. Grossi (1989, p.14) refere que o grande afluxo de meninas aos conventos, desde o início do século até a década de 50, se deu como consequência do esgotamento das terras cultiváveis. Essas moças, que até então permaneciam nas terras de seus pais, teriam de deslocar-se para outras terras em direção ao oeste catarinense, ou migrar para as cidades onde poderiam integrar o contingente dos assalariados das indústrias, ou ainda trabalhar como funcionárias públicas na capital. A entrada nos conventos representou, nesse contexto, para uma parcela jovem da população, a garantia da escolarização (pré-requisito para as atividades urbanas), a formação profissional e a sobrevivência fora do mundo camponês.

Na Congregação das Irmãs da Divina Providência, ao querer ingressar na carreira religiosa algumas irmãs referiram:

"Eu senti um chamado, a gente sente um chamado, não dá para explicar. A graça toca então a gente tem que responder a esse chamado que Deus faz para a gente, então por exemplo, esse chamado pode vir através de uma pessoa. Não que essa pessoa diz: "você tem que ser religiosa", mas a gente vê o que essa pessoa faz, que se dedica e você fica com vontade de fazer o mesmo, e também eu sempre achei-as muito amáveis" (Mertens, 1997).

"Resolvi ser irmã porque era uma coisa interior que sentia quando ainda era criança, desde a catequese. Naquele tempo, na Comunidade de São Pedro-RS, o vigário se preocupava muito com a vocação religiosa. O padre estimulava muito e a família ajudava. Sempre houve uma preocupação com orações. Eu queria ser irmã, não me preocupava com o que queria trabalhar, queria servir a Deus"(Hammes, 1997).

Talvez pelo fato de terem poucas perspectivas fora do mundo conventual, associadas à submissão a que eram condicionadas por serem mulheres, algumas moças de famílias pobres submetiam-se à rígida disciplina imposta nos conventos e nas respectivas congregações. Antes do Concílio Vaticano II⁴, as Congregações mantinham esquemas rígidos de vida e de trabalho.

A rotina

A vida das irmãs era determinada por uma rotina imutável, cheia de atividades rigidamente cronometradas no tempo e no espaço, conforme a descrição abaixo:

"Tínhamos que levantar muito cedo, em geral às quinze para cinco, porque às 6:30 horas tínhamos que entrar no hospital. Assim que acordávamos, íamos para a capela rezar. Depois tomávamos café. As refeições eram um tipo de oração. Não podia chegar atrasado. "Era claro que se alguém era chamado na unidade chegava mais tarde. Aquilo era sagrado. Então a vida de freira se resumia assim em trabalho e reza" (Maria, 1997).

"A nossa vida no hospital era acordar às 4:30 horas para as orações, meditação, santa missa, para em seguida receber o plantão nas enfermarias às 7:00 horas. Durante a semana, uma irmã almoçava às 11:30, para em seguida fazer a ronda nas enfermarias e também às 15:00 horas, na hora do café. Para o plantão noturno, as religiosas tinham uma escala, além dos atendentes de enfermagem. Uma irmã da enfermagem fazia plantão das 19:00 à 01:00, em seguida outra irmã continuaria até de manhã. Também os funcionários faziam seis horas noturnas, porque todos eram internos, então havia revezamento à

1:00 hora da manhã. Quando tinha uma emergência, por exemplo um acidente, era a Irmã Cidoca que acordava, se necessitasse de sangue era eu que também atendia na Clínica Médica. Se fosse doente para operar, era a Irmã do Centro Cirúrgico" (Longo,1998).

A rotina era interminável, mesmo quando a noite chegava, em casos de urgências, as mesmas irmãs que haviam trabalhado durante o dia as atendiam. O importante, segundo Grossi (1989, p. 48), é que não há nenhum tempo livre entre uma atividade e outra. Na verdade, o cotidiano do hospital tem uma íntima relação com o convento que se caracteriza por "uma sucessão de atividades profanas sempre pontuadas por tempos de rezas ou atividades religiosas" (Suad apud Grossi, 1989, p. 48).

Ao misturar as atividades profanas com as religiosas, o corpo e a mente das irmãs vão se habituando em ver toda a ação como uma oferta a Deus. Esse encadeamento de ações vai criando algo como um movimento instintivo que impossibilita que se desvincule uma atividade religiosa de uma ação cotidiana. Ao mesmo tempo que se exercita o corpo ao máximo que de acordo com Foucault (1991, p. 140), se caracteriza pela utilização exaustiva do corpo por um uso crescente do tempo, onde o que importa é extrair do indivíduo, a cada instante, sempre mais forças úteis. Como se o tempo e as forças extraídas fossem inesgotáveis.

A rotina da vida religiosa das irmãs e o trabalho estavam intimamente relacionadas, sendo que uma se mesclava com a outra, não havendo uma separação distinta onde começava uma, e terminava a outra. Até porque tudo acontecia num mesmo espaço, ou seja, o espaço hospitalar, onde viviam, trabalhavam e realizavam o seu lazer. Tal qual afirma Goffman (1992, p. 17) sobre as instituições totais, que se caracterizam por "não existir diferenças entre as três esferas da vida: a residência onde se vive; o local onde se trabalha; e os lugares onde se costuma realizar o lazer".

Quando se aborda como viviam, também faz-se necessário visualizar o local de residência.

A clausura

Segundo uma das irmãs que não quis se identificar e por isso denominamos de Maria (1997), ao analisar as condições de vida e de trabalho das irmãs no Caridade, ela referiu:

“Era exigido muito trabalho das irmãs e se tinha muito pouco conforto físico. O que tínhamos a nossa disposição era um lugar na mesa para a alimentação e uma pequena repartição com cortinas de pano; uma cama para você dormir e um pequeno bidezinho onde você tinha os seus pertences” (Maria).

Para a Irmã Maria Kuhn (1998), as condições da clausura eram ainda piores

“Como irmã, a gente dormia em um grande dormitório, separado com uma parede de eucatex e cortina. Ouvia tudo uma da outra. Eram dormitórios enormes. Aí quando acontecia alguma coisa, por exemplo, quando eu fazia plantão e também havia os casos complicados, que a gente precisava levantar à noite, acordava todo mundo. Não se tinha descanso, porque a sala era muito grande. Todas as irmãs moravam juntas e quando alguma levantava fazia muito barulho. Uma meia parede dividia os quartos (celas). Existiam de 5 a 6 camas de cada lado. Os banheiros eram comuns, eram mais ou menos 2 chuveiros e 2 banheiros. A gente esperava para tomar banho em fila”.

Como não havia na época telefone PABX, quando se precisava fazer contato com as irmãs que estavam na clausura, usava-se um sino que ficava na subida da clausura, e havia um código para chamar cada uma delas. Para a irmã superiora, utilizava-se um badalo (tum), para a Irmã Romana, dois (tum, tum) e assim sucessivamente para cada uma delas. Em geral esse sistema funcionava muito bem (Sousa, 1997). Houve uma época, no Hospital de Caridade, em que a clausura comportava 40 irmãs. Em geral nesse local era vedada a entrada de qualquer pessoa que não fosse irmã religiosa. Somente em casos de haver uma irmã que estivesse doente, e que não pudesse se deslocar para consulta médica, havia a possibilidade de um médico ingressar na clausura a fim de examiná-la. No entanto, ele era devidamente acompanhado por uma

outra irmã que permanecia todo o tempo junto do profissional. Nesse caso, era permitido a um estranho o ingresso na clausura.

As vestimentas

Quando se tratava de roupas, uma irmã faz a seguinte descrição do tipo de vestes que usavam na época:

“A roupa era bem fechada. O hábito era comprido, de lã, de cor preta, com mangas largas, na frente toda em pregas, com terço preso na cintura. Na cabeça usavam um colar com frontal, e por cima da cabeça uma peça engomada, onde o véu era fixado. Além do hábito usávamos uma capa preta por cima, quando saíamos à rua. Não havia uma preocupação com as condições climáticas. Simplesmente transportavam as roupas da Europa para a realidade brasileira” (Hackenhaar, 1997).

É importante observar como se vestiam as irmãs de uma das primeiras ordens religiosas que veio para o Brasil, no século XIX, a Companhia das Irmãs de Caridade, criada pelo padre Vicente de Paulo e Luiza de Marillac, em 1633, na França. Essa Ordem adotou um hábito que a consagraria como Companhia de Caridade, distinguindo-se entre todos os demais hábitos das congregações religiosas regulares. O hábito era constituído por um pano grosso azul-acinzentado, com saias de largas dobras e com um corpete justo ao busto, mas com mangas que dobravam facilmente, a fim de facilitar os movimentos na realização de quaisquer trabalhos. Preso à cintura, havia um avental da mesma cor. Dentro da manga do braço esquerdo, a irmã trazia um terço com crucifixo, preso ao pescoço por um cordão, que tinha como finalidade mantê-lo próximo da mão, a fim de beijá-lo e poder orar. Ao redor do pescoço, por cima do busto, elas usavam um colarinho de tela muito clara de igual largura nas costas, terminando por duas abas largas que se trançavam no peito. Na cabeça, as irmãs usavam uma simples touca branca de camponesa, que lhes ocultava os cabelos, mas não lhes cobria nem o pescoço, nem as orelhas. O pescoço ficava descoberto, o que as diferenciava das irmãs de clausura.

Posteriormente, com o transcorrer do tempo, essas vestes sofreram modificações, com a finalidade de preservar a honestidade e a decência daquelas que iriam cuidar do corpo do outro (Padilha, 1998, p.p. 66-69). Elas se caracterizavam por representarem as vestes da pureza.

A grosso modo, não havia grandes diferenças entre as irmãs da Companhia das Irmãs de Caridade de São Vicente de Paulo e as da Congregação Divina Providência, apesar de atuarem em lugares diferentes (Rio de Janeiro e Florianópolis) e em épocas também com a diferença de um século.

Em relação às roupas íntimas, Irmã Concília (Hackenhaar, 1997) faz o seguinte comentário sobre a época:

“Não se tinha nenhuma exigência em relação às roupas ou coisas assim. Se usavam o que davam para a gente, a gente nunca escolheu por exemplo, roupas íntimas, era tudo feito em grandes quantidades, e recebiam quando estragavam, e ainda tinha que mostrar aquela roupa que estava estragada, aí então era substituída. Era tudo muito pobre. O calçado era sempre fechado, nunca se usava então uma meia mais delicada ou uma sandália, toda a feminilidade era praticamente cancelada” (Irmã Concília).

A negação da feminilidade, representada tanto por uso de roupas íntimas quanto aquelas utilizadas para sair, impostas pela Congregação às irmãs, parece estar relacionada com o que Grossi (1989, p.40) refere em seu artigo sobre a modificação física que ocorre nos corpos, na fase do aspirantado⁵. Segundo a autora, a maioria das candidatas à irmã nessa fase engorja assustadoramente. Elas inscrevem no seu próprio corpo uma das regras da vida religiosa, que é a de transformar o “corpo desejante” em “espírito desejante”.

Na verdade, a cultura religiosa impõe um corpo assexuado, inerte, amorfo, transformando possíveis mulheres desejosas em mulheres assexuadas, destituídas de institutos e, portanto, na concepção da Igreja, em “mulheres dignas” casadas com Deus.

Naturalmente que a partir da imagem que se constrói através das linhas do corpo, das vestimentas

e dos adereços utilizados, as irmãs, que são mulheres, deixam de ser aquilo que na verdade são para se transformarem em irmãs religiosas.

Negam-se a si próprias, suas identidades e imagens, renunciando à vida e à conseqüente capacidade de procriarem, de serem efetivamente mulheres. Portanto a vida das irmãs, não só as que atuavam no Hospital de Caridade, mas também àquelas que atuavam no ensino, tinham limites de toda a ordem, e principalmente com o modo de vida.

Apesar de haver uma similaridade com as irmãs que atuavam no ensino, no que se refere as roupas, as condições de trabalho no Hospital de Caridade apresentam-se extremamente distintas daquelas da Escola, como podemos visualizar a seguir.

As condições de trabalho

No Caridade, as condições de trabalho eram muito precárias, como podemos observar através da narrativa feita pela Irmã Maria (1997):

“Nós tínhamos que trabalhar 12 horas por dia, não tínhamos férias, nem folgas. Nós éramos responsáveis pela unidade durante o tempo todo. Era sábado, era Domingo, feriado, qualquer coisa chamavam a gente. Não se podia nem dar uma passeada a não ser quando era determinado”.

A Irmã Maria Kuhn (1997) faz a seguinte descrição daquele período:

“Nós não tínhamos férias, nem salários, nem horários. Se eu estava descansando e tinha um caso complicado, a gente era chamada e tinha que ir. Trabalhava das 7:00 horas até os doentes estarem bem e depois a gente ia para a clausura. Ainda usava a roupa branca e sujava muito a roupa. A roupa era lavada na lavanderia, mas depois nós tínhamos que passar. Nós às vezes tínhamos ainda reunião no salão. Além do serviço de enfermagem, ajudávamos o paciente para a extrema unção. Deixávamos tudo limpinho e conversávamos muito pouco”.

Essa rígida seqüência de atividades se enquadra no que Foucault (1991, p. 127) denominou do processo disciplinar, onde a disciplina fabrica assim cor

pos submissos e exercitados, corpos dóceis. A disciplina potencializa as forças do corpo em termos de produção e diminui essas mesmas forças em termos políticos. Ela dissocia o poder do corpo, faz dele uma aptidão, uma capacidade que procurar aumentar e inverte a energia, a partir de uma relação de sujeição. Aumenta a aptidão com o consequente aumento da dominação. De certa forma por trás do que era considerado como uma obediência, fez com que as irmãs se submetessem cada vez mais a tudo e a todos.

As irmãs não só se sujeitavam a um trabalho incessante, mas também a questões de salários, pois não recebiam absolutamente nada. Nem carteira assinada possuíam. Somente a superiora é que recebia um salário simbólico de C\$ 2,00. As demais, que cuidavam do setor de finanças, do Raio X, da farmácia, do Centro Cirúrgico e da Enfermagem, recebiam apenas C\$ 1,00, que também, era simbólico.

Aliás, segundo a Irmã Romana (Longo, 1997):

“Nós não precisávamos de nada. A gente ganhava tudo da Congregação. Não se ajudava ninguém. E se a família adoecia, as irmãs da Congregação tratavam de graça e os médicos também. Isso foi até 1967, depois passamos a receber um salário”.

Na percepção de muitas das entrevistadas, naquela época a vida era muito dura, e o trabalho era incessante. Naturalmente que após um dia inteiro de atividades, a maioria das irmãs retirava-se para a clausura com a finalidade de descansar, ou até mesmo para ter um momento para si próprias. As condições desse espaço destinado às irmãs, não só as da enfermagem, mas para todas as que trabalhavam no hospital, deixavam muito a desejar, como já visto anteriormente, apesar de terem feito os três votos: obediência, castidade e pobreza, o que as identificavam com o fato de se terem tornado religiosas.

Não era só nas questões relativas às acomodações, vestimentas, rotinas, condições de trabalho que as irmãs mantinham uma vida diferente das demais mulheres, mas também nas questões relacionadas à família, e aos momentos lazer.

Família

Antes do Concílio Vaticano II (1967), as irmãs que ingressavam na carreira religiosa só podiam retornar a casa dos seus pais após terem feito as Bodas de Prata (25 anos de vida religiosa). Segundo Grossi (1989, p.41), esta era uma maneira de impedir que as irmãs “tivessem recaídas”, colocando em dúvida os preceitos e as normas da instituição.

Na década de 50 e início dos anos 60, as irmãs da Congregação Divina Providência cumpriam esta missão, e não voltavam para a casa de seus pais antes desse período. Havia casos graves, quando ocorria o falecimento de um dos pais. Mesmo em casos assim, a superiora não permitia o retorno, conforme nos relata a Irmã Romana (Longo, 1997):

“Eu estava fazendo o curso de enfermagem lá em Curitiba. Quando o meu pai morreu, minha família mandou um taxi lá para Curitiba me buscar, e a Irmã Superiora estava doente ela não deixou eu voltar. Aí eu só fui ver a minha mãe depois de formada, quando voltei de Curitiba, fui para Rodeio, me encontrar com ela. Já estava viúva há 7 meses. A gente se acostumava”.

Em outra ocasião, essa mesma irmã, que no momento já trabalhava no Caridade como enfermeira, recebeu a informação que havia uma pessoa que queria conversar com ela. Logo no início não sabia quem era. Aí a Irmã Romana (Longo, 1997) perguntou:

“Quem tu é? E o que queres conversar comigo? E ela respondeu: Sou tua irmã. Acredita que eu nem a reconheci? Porque a gente não tinha quase contato com a família, mas depois disso mudou e a família vinha visitar. E quando o Caridade estava lotado, a família ficava hospedada na Carmela Dutra”.

Era uma verdadeira vida de submissão, de obediência, de negação do seu eu, mesmo nas horas mais dolorosas a obediência se fazia presente. Como as religiosas poderiam suportar estas determinações? Segundo a Irmã Concília (Hackenhaar, 1997): “este foi um tempo que muita coisa a gente sufocou, recalçou e sublimou”.

Finalmente, não era só o trabalho que acontecia no Caridade, havia as festas, e estas eram muito festejadas. Havia todo um ritual para organizá-las e

aconteciam em momentos importantes religiosos, como a Festa do Senhor Jesus dos Passos, a do Natal, dos casamentos e outros acontecimentos especiais. Algumas irmãs relembram com saudade esses momentos:

“A festa que era sempre comemorada era o dia do Senhor Jesus dos Passos. O Senhor Jesus era levado do Hospital para a Catedral; sábado e domingo ao meio dia, eles traziam de volta. Então aquilo era uma festa. Tinha coquetel depois da missa. A festa de natal das crianças era muito festejada. As voluntárias que vinham de fora traziam presentes, cada criança ganhava o seu presente, levavam coisas para comer. O provedor estava sempre de acordo, pena que eu não tenho uma foto daquelas” (Longhi, 1998).

“Eu tenho em casa fotografias do Hospital daquelas festas, das mesas que a gente arrumava, os 25 anos do provedor. (...) Deus me deu esse dom de fazer as coisas, as mesas, os bolos. Eu inclusive arrumei a Igreja para a filha do Aragão casar no Colégio Coração de Jesus, tudo com vasos de barro que eu

pintei e fiz, eles queriam bem simples e ficou tudo muito bonito” (Paulo, 1997).

Considerações finais

Retratar a vida dessas irmãs, desvelar o seu cotidiano, não só faz com que paguemos parte de uma dívida para com elas, que tiveram importância vital na assistência de enfermagem em Florianópolis e em Santa Catarina, mas principalmente porque nos faz compreender melhor quem eram, o que faziam, o que sentiam, e qual era o seu comprometimento com a religião e fundamentalmente com os pacientes. É importante que se diga que, muito antes de existirem as enfermeiras, as técnicas e auxiliares de enfermagem, eram somente elas quem efetivamente cuidavam das pessoas doentes. Por isso, é importante resgatar essa história e dar visibilidade a essas personagens que durante muito tempo trabalharam de forma invisível, porém sem dúvida nenhuma muito presente.

Sisters' everyday life at a Charity Hospital in the fifties

Abstract

This social and historical research aims at describing the labour and life conditions of the Congregação da Divina Providencia's Sisters. They acted in the Nursing Service at the Charity Hospital in Florianopolis / SC, in the 1950's. It shows that the Sisters were devoted to life and work with submission, abnegation and religiosity, with detriment to themselves, in a kind of punishment of themselves. But, on the other hand, it also reflects their silent power manifested in the economic and administrative control of the Service.

Keywords: Nursing - Chaplaincy service hospital - Voluntary hospitals

El Cotidiano de Hermanas Enfermeras en un Hospital de Caridad en Florianópolis en la década de 50

Resumen

Se trata de una investigación sociohistórica que tiene el objetivo de caracterizar las condiciones de vida y trabajo de las Hermanas de la Congregación de la Divina Providencia, que actuaron en el Servicio de Enfermería del Hospital de Caridad, en Florianópolis/

Santa Catarina, en la década de 50 del siglo XX. Se presenta la sumisión, abnegación y religiosidad con que las Hermanas llevaban su vida y su trabajo, en detrimento de sí misma, con la mortificación de su yo, pero por otro lado, también refleja su poder silencioso, manifestado ante el control económico y administrativo del trabajo.

Palabras claves: Enfermería - Religiosas - Hospital de Caridad

Referências bibliográficas

BIASOLI-ALVES, Zélia, M. M. Trabalhar com relato oral quando a prioridade é recompor uma história do cotidiano. Temas em Psicologia, São Paulo, n. 3, p. 43-57, 1995.

BORENSTEIN, Miriam Süsskind. O cotidiano da enfermagem no Hospital de Caridade de Florianópolis, no período de 1953 a 1968. 2000. Tese (Doutorado em Filosofia da Enfermagem) – Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina.

BORENSTEIN, Miriam Süsskind. Relações de poder num hospital de caridade: uma visão foucaultiana. Pelotas: UFPel, 2000.

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. Nossa Senhora de Desterro. 1. Notícia. Florianópolis: Lunardelli, 1979.

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. Medicina, médicos e charlatões. Florianópolis: Departamento Estadual de Santa Catarina, 1942.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo dicionário da língua portuguesa. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

FUCK, Irmã Cléa. 100 Anos de história. 1895 –1995: Congregação das Irmãs da Divina Providência no Brasil: Florianópolis, 1995.

GOFFMAN, Erving. Manicômios, prisões e conventos. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

GROSSI, Miriam Pillar, Jeito de freira. Estudo antropológico num convento de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 1989. Monografia apresentada para concurso de professor adjunto / UFSC.

PADILHA, Maria Itayra Coelho de Souza. A mística do silêncio: a enfermagem na Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro no século XIX. 1998. Tese (Doutorado em Enfermagem) Escola de Enfermagem Anna Nery, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

SÃO THIAGO, Polydoro Ernani. A medicina que aprendi, exerci e ensinei. Florianópolis: UFSC, 1996.

THOMPSON, Paul. A voz do passado: história oral. São Paulo: Paz e terra, 1992.

TRIVINÕS, Augusto Nivaldo Silva. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1990.

Notas

¹ BORENSTEIN, Miriam Süsskind. O cotidiano da enfermagem no Hospital de Caridade de Florianópolis, no período de 1953 a 1968. 2000. Tese (Doutorado em Filosofia da Enfermagem) – Curso de Pós-Graduação em Enfermagem, UFSC, 2000; PADILHA, Maria Itayra C. de S. A mística do silêncio: a enfermagem na Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro no século XIX. 1998. Tese (Doutorado em Enfermagem) Escola de Enfermagem Anna Nery, UFRJ, 1998.

² Na década de 50, era mais comum as irmãs atuarem nos hospitais como práticas de enfermagem. A formação em Enfermagem no sul do país, especialmente em Florianópolis – SC, só passou a acontecer a partir de meados de 50.

³ CABRAL, Oswaldo Rodrigues. Nossa senhora de Desterro. 1. Notícia. Florianópolis: Lunardelli, 1979.

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. Medicina, médicos e charlatões. Florianópolis: Departamento Estadual de Santa Catarina, 1942. SÃO THIAGO, Polydoro Ernani. A medicina que aprendi, exerci e ensinei. Florianópolis: UFSC, 1996.

FUCK, Irmã Cléa. 100 Anos de história. 1895 –1995: Congregação das Irmãs da Divina Providência no Brasil: Florianópolis, 1995.

⁴ O Concílio Vaticano II iniciou em 1967 e operou algumas transformações na Igreja Católica, e por consequência nas Congregações religiosas, tais como: a opção pelos pobres; a revisão de aspectos teológicos; a permissão de a missa ser rezada na língua oficial do país e, finalmente, a permissão para grandes comunidades religiosas poderem formar pequenas comunidades e passarem a residir em casas menores, o que resultou em uma maior liberdade para as irmãs das Congregações Religiosas (Gelain, 1999).

⁵ O primeiro período da vida religiosa comporta três etapas rigidamente demarcados: o aspirantado, o postulante e o noviciado – etapas que antecedem a entrada oficial na congregação, através do ritual dos primeiros votos, também chamado de “vestição”. É o momento fundamental na construção simbólica da identidade da futura freira. Elas entram em contato com o que define a vida religiosa. A duração do aspirantado é de um a dois anos, a do postulante de nove meses e o noviciado dura dois anos (Grossi, 1989, p. 52).

Sobre as autoras

Miriam Süsskind Borenstein

Prof^a. Adjunto IV do Departamento de Enfermagem UFSC – Doutora em Filosofia da Enfermagem UFSC – Sub-Coordenadora do Grupo de Estudos de História do Conhecimento de Enfermagem (GEHCE).

Maria Itayra Coelho de Souza Padilha

Prof^a. Adjunto II do Departamento de Enfermagem UFSC – Doutora em Enfermagem pela Escola Anna Nery – UFRJ - Coordenadora do GEHCE.